



**A CULTURA DA**

**FEIJÃO**

**MINISTÉRIO DA ECONOMIA  
CAMPANHA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA**

MINISTÉRIO DA ECONOMIA  
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS AGRÍCOLAS

CULTURAS NOVAS  
A FEIJOA

**Pelo Engenheiro Agrónomo  
ARTUR CASTILHO**

Serviço editorial  
da Repartição de Estudos, Informação e Propaganda  
1942

CAMPANHA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA-SÉRIE B-N.º 22



*"Nenhuma fonte de substâncias alimentares, recanto ou nesga de terra pode ficar inactiva..."*

*Se dispõe dela, aproveite-a como medida de previsão e de economia, cultivando produtos hortícolas necessários à sua alimentação.*



## NOMES

Esta leguminosa alimentar apresentou-se também aos agricultores portugueses com o nome de *feijanão* que deve antes reservar-se para a espécie *Phaseolus Max* L. ou *Ph. Mungo* L. Em francês denomina-se *haricot de Birmanie* ou *de Lima* e *fève créole*, e em alemão *breitschotige Lima bohne*, *Rangoonbohnen*. Chama-se-lhe em espanhol *judia* ou *poroto de Lima* e nos países sul-americanos *frijolillo*, *frijolito*, *frijol*, *iztagapa*, *avacote*, *chilipucas* e *guaracoro*. Os ingleses conhecem-na por *Lima bean* e os italianos por *fagiolo di Lima*, *f. di Birmania*, *f. di Giava*, *f. di Siena*, *f. sciabola*. E para os botânicos é o *Phaseolus lunatus* L.

Em Portugal conheceu-se primeiramente por *feijão do Lima*, *feijão americano*.

## DESCRIÇÃO

Muito aparentada com o *feijão vulgar* e com a *fejoca* ou *feijão espanhol* (*escarlata*, *farta-abades*, *de sete anos*), é planta anual nos países de clima temperado e vivaz nos tropicais.

A *raiz*, apumada e penetrante, tuberiza-se, engrossa muito, nas zonas quentes. O *caule*, volúvel, chega a atingir quatro metros nas variedades trepadoras e uns sessenta centímetros ou três palmos nas anãs. As *fólias* são compostas de três folíolos triangulares, mais estreitos e mais compridos do que os do feijão vulgar e também mais lisos e mais escuros. As *flores*, pequenas, brancas ou branco-esverdeadas, dispõem-se em cachos alongados. As *vagens*, sempre curtas, muito largas, achatadas e ásperas, grossas, lembram as da feijoeira ou feijoeiro espanhol. Os *grãos* ou *sementes* são grandes, como as feijocas, reniformes ou arredondados, quási sempre muito achatados, às vezes cheios (bombeados), brancos de neve ou branco-baços, branco-esverdeados ou rajados. No estado silvestre contêm um glicosido cianogénico, a *faseolunatina*, que em certa dose é venenoso.

Segura-se vigorosamente ao terreno com a raiz forte e ramifica-se abundantemente na base ou desde a base. A floração, mesmo nas variedades anãs, é sucessiva e copiosa.

## **MEIO**

Oriunda, segundo De Candolle, da parte tropical da América do Sul, e, segundo outros, como Wittmack, da América Central ou do Peru, a feijoa é muito rústica e resiste admiravelmente ao calor e à secura, muito mais do que o feijoeiro vulgar. A sua maior exigência, para rendimento elevado, é precisamente o calor. Por isso assemelha-se mais ao feijanico ou feijão frade e à feijoca.

A umidade do terreno pode comprometer a produção, provocando o abôrto das flores, como se verificou nos ensaios feitos em Portugal.

Às situações umbrosas e frias prefere as assoalhadas e quentes. Por isso a associação a outras plantas de maior porte como, por exemplo, o milho, far-se-á em condições de bom arejamento e iluminação.

Os terrenos francos, de liga, mas fundáveis, são-lhe mais propícios do que os soltos.

## VARIEDADES

São já bastante numerosas, obtidas sobretudo na América do Norte: umas trepadoras, de fio ou estaca e outras anãs, mochas, ras-teiras ou vassouras. Àquelas, de mais demorado desenvolvimento, como é natural (75 a 90 dias) indicam-se especialmente para a cultura hortícola, em talhões estremes e em bordadura, e estas para a cultura campestre, em grande, compreendendo-se o seu ciclo vegetativo (o tempo que vai da nascença à maturação) entre 65 e 75 dias.

Convém esclarecer que êstes períodos variam conforme o meio: nas zonas quentes mantêm-se ou encurtam-se e nas mais frias alongam-se. E destaca-se também que as variedades anãs podem usar-se em qualquer região do País, enquanto as de trepar darão o máximo nas mais quentes.

Das mais importantes e conhecidas e já ensaiadas em Portugal, podemos destacar:

### a) Variedades trepadoras (*Pole Lima beans*)



Vagem aberta (tamanho natural)

*Burpee's Best* — De recente obtenção (1934). Tardia (92 dias). Vagens a todo o comprimento, em cachos de 4 a 8. Grão arredondado, grosso, branco.

*Carolina* ou *Sieva* — Do grupo das *Butter bean* (feijoa-manteiga). Precoce (75 dias). Vagem pequena, atraente. Grão branco-baço, pe-



queno, muito achatado. Rústica, produtiva. Recomendável pela precocidade, podendo iniciar-se com ela a época das sementeiras.

*Carpinteria* — Intermédia (85 dias). Vagem grande, inteiramente cheia de grãos grandes, achatados, baços, extremamente tenros e de sabor excepcionalmente fino.

*Early Leviathan* — Precoce (79 dias). Vagens compridas, estreitas, numerosas. Grãos antes grandes, achatados, branco-sujo.

*Florida (Florida Speckled Butter ou Calico)* — Precoce (78 dias). Vagem mediana, verde-escura, geralmente com três grãos pequenos, chatos, subarredondados, manchados ou rajados de escuro em fundo côm de café com leite. Vigorosa, considerada uma das mais produtivas. Também do grupo *manteiga*.

*Giant podded (Burpee's)* — Muito tardia (90 dias), especialmente indicada para o sul. Vagens em cachos de 4 a 8. Grão esverdeado, grande, um dos melhores. Produção consecutiva.

*King of the garden* — Tardia (88 dias). Vagens com 4 e 5 grãos grandes, facilmente descascados, de bonita aparência e excelente qualidade. Forte.

*Sunnybrook (Burpee's)* — Semi-precoce (88 dias). Vagens em cachos de 5 a 10, descascando facilmente, com 4 a 5 grãos grandes, carnudos, achatados, branco-esverdeados, de fina qualidade. Muito popularizada na América pela sua extraordinária produção.

#### b) Variedades rasteiras (*Dwarf* ou *Bush Lima beans*)

*Burpee's* — Semi-precôce (78 dias). Introduzida na cultura em 1890. Vagem larga com 3 a 4 grãos, branco-baços, grandes, achatados, de excelente qualidade. Planta erecta, com tendência para alargar. Muito produtiva.

*Burpee's Improved* — Serôdia (75 dias). Vagem larga, levemente curva, com 4 a 5 grãos, de aparência atraente e fina qualidade. Recomendável para grão verde. Muito produtiva, vigorosa e ampla (até 60 centímetros de largura).

*Fordhook (Burpee's)* — Tardia (75 dias). Vagem larga, em cachos, com 4 a 5 grãos, cheios, branco-esverdeados, carnudos, arredondados, de sabor delicioso. Planta forte e erecta.

*Herdenson's*—Precoce (65 dias). Grão pequeno, achatado, branco-baço, reniforme, do tipo *manteiga*. Produção segura que continua mesmo à aproximação do inverno. Valiosa pela sua grande precocidade e recomendável para o consumo em sêco.

*Jackson Wonder*—Precoce (65 dias). Vagem com 3 a 4 grãos achatados, reniformes, rajados em fundo castanho, com casca lisa e de superior qualidade. Produção generosa.

*McCrea* — Tardia (75 dias). Vagens levemente curvas, com 3 a 5 grãos cheios, truncados, pequenos.

*Philadelphia (New)* — Semi-precoce (70 dias). Vagens em cachos de 6 a 8, com 4 grãos medianos, reniformes, achatados, branco-palha, de boa qualidade. Planta erecta, de produção abundante, a partir do chão.

*Wood's Prolific* — Também chamada *improved Herderson e Baby*. Precoce ou semi-precoce (65 a 70 dias). Vagem pequena, de casca fina, com 3 a 4 grãos branco-baços, pequenos. Muito produtiva.



## **CULTURA**

O terreno prepara-se e aduba-se como para o feijoeiro vulgar. Mas deve ter-se em conta que a lavoura funda é altamente vantajosa; quanto

mais puder descer a raiz mais segura será a produção, dada a tendência para explorar as camadas profundas do terreno.

As fórmulas de adubação 4-8-10 ou 2-8-6 e 3-8-5 para os terrenos comuns e ainda 2-8-10 para os mais leves são recomendáveis. As doses serão maiores ou menores conforme a riqueza do terreno. O azoto pode dispensar-se, mas o ácido fosfórico é obrigatório assim como a potassa. Na falta de adubos fosfatados e potássicos, dá bom resultado a cinza, especialmente nas terras frescas. E também o gesso nas terras fortes e nas bem estrumadas.

A sementeira realiza-se logo que o tempo esteja bem quente. No Sul poderá efectuar-se em Março (Algarve) e em Março-Abril (Alentejo mais quente); e no Centro e Norte em Abril-Maio até Junho, ou simultaneamente com o milho, o feijão frade ou feijanico e a soja. As variedades anãs, em terras apropriadas, com a frescura indispensável ou susceptíveis de rega, podem semear-se ainda em Julho mesmo para a produção de grão seco.

Na pequena cultura, pelo menos, há vantagem em que o ôlho fique voltado para baixo: assim a germinação é mais fácil.

Na linha a semente ficará distanciada uns 10 a 20 centímetros e de linha a linha (rêgo a rêgo, covacho a covacho) mediará a distância de 50 a 90 centímetros. Se não houver o afastamento devido, a ramificação não é tão profusa e compromete-se, como nas faveiras, parte da floração.

Na sementeira ao covacho há vantagem em deitar em cada um dois ou três grãos. E estando o tempo pouco firme na ocasião da sementeira, esta deve ser mais basta para prevenir o caso de haver falhas na germinação. Também com esta leguminosa, mais vale semear basto do que raro. Desbastar-se-á depois conforme a natureza do terreno e o vigor da planta. Em terras boas, e no caso de variedades anãs, poder-se-á observar a distância de palmo e meio.

Cobre-se com 2 a 5 centímetros de terra de acôrdo com a natureza do terreno. Na sementeira muito temporã, a cobertura, como não faltará umidade no terreno, deve ser extremamente superficial. Sendo funda,

por falta de calor, a germinação atrasa-se e o grão pode apodrecer. Ter-se-á presente que o grão aumenta muito de volume, o que torna mais difícil a saída. Por vezes a haste, no esforço para atravessar a terra, quebra.

Na pequena cultura, para maior garantia da boa nascença, recorre-se ao grelamento prévio, o que se consegue mesmo em rêgo aberto em sítio quente.

Um quilograma de semente dará, nas variedades anãs de grão grande, para 100 metros de rêgo aproximadamente e para o dôbro se o grão for pequeno. Tratando-se de variedades de trepar, gasta-se metade da semente pouco mais ou menos num e noutro caso. Por outra forma: calcula-se que um quilograma de semente dará, respectivamente, para cento e meio a três centos de estacas. E para um hectare serão necessários 30 a 60 quilogramas.

Principalmente nos terrenos não adubados a inoculação impõe-se. Serve a vacina que se emprega também para o feijanico, o amendoim e a crotalária. A produção é mais segura e mais elevada e vale por uma adubação azotada, pelo que esta pode e deve dispensar-se. A vacina aplica-se geralmente à semente na ocasião da sementeira ou com pequena antecedência só ou de mistura com gêsso ou cal sobretudo nas terras ácidas.

Durante a vegetação o terreno deve ser limpo de ervas ruins, especialmente na primeira fase, depois do que são facilmente dominadas. A rega, sempre moderada, faz-se apenas se as plantas a exigirem.

## **COLHEITA**

Em virtude da frutificação e da maturação nas variedades anãs ser sucessiva, a colheita tem de ser também escalonada como para o feijanico ou feijão frade. Não deve esperar-se que as vagens sequem completamente: corre-se o perigo de abrirem e estalarem, atirando o grão a distância sobre o terreno. A secagem completa-se rapidamente mesmo à sombra.

A produção pode ir facilmente a 3.000 litros, sejam 3 a 4 carros ou moios por hectare, nas variedades anãs. Em condições favoráveis, é sempre mais elevada do que a do feijão vulgar do mesmo tipo. A produção das variedades trepadoras é muito mais elevada.

## USOS

A feijoa tem consumo idêntico ao do feijão vulgar e, ainda mais exactamente, ao da feijoca. Só em vagem verde, *vaginha* ou *vazinha*, não é aproveitável.

O grão verde, mas já completamente feito, é excelente para diversos cozinhados. O grão seco é mais saboroso do que o mais fino feijão vulgar, incluindo os do tipo *manteiga*. As variedades chamadas *manteiga* são de casca tão tenra que se desfaz na cozedura. Qualidade esta que sobreleva os feijões e sobretudo as feijocas.

Cozinhados, os grãos secos aumentam muito de volume. As sopas e as pureias são de incomparável sabor, ao mesmo tempo diferente do dos feijões e das feijocas. É muito superior ao dos feijanicos.

A sua riqueza alimentar pode avaliar-se pelos seguintes números de uma análise de Bonâme:

	%
Água .....	16,01
Matérias azotadas .....	18,00
Matérias açucaradas .....	6,20
Matérias gordas .....	1,40
Outras matérias não azotadas .....	50,07
Celulose .....	4,70
Cinzas .....	5,60

O gado ovino, bovino e equino aprecia a rama que pode ingerir sem inconveniente, depois de murcha, bem como as cascas das vagens.

## IMPORTÂNCIA

A feijoa é largamente cultivada nos países quentes para o aproveitamento dos grãos na alimentação humana.

Nos Estados Unidos da América do Norte vem adquirindo cada vez maior importância na cultura, pelo que é objecto de especiais atenções no sentido de obterem sempre novas variedades. Nos últimos anos popularizou-se de maneira notável.

Nos países europeus não tem conseguido vulgarizar-se ainda. Em Portugal deve ter sido introduzida primeiramente da América do Norte há uns trinta e cinco anos, na Beira Alta, não mais deixando ali de cultivar-se.

Renovou-se recentemente a sua introdução, acompanhada de larga propaganda, o que permitirá torná-la conhecida dos agricultores portugueses, para os quais deve ter apreciável valor, não só no continente como nos domínios ultramarinos, especialmente as variedades rasteiras, susceptíveis de cultura mais extensa.

Em verdade a sua produção é abundante e mais certa do que a do feijoeiro e é mais resistente do que este aos inimigos. Nos mesmos terrenos dá produção mais valiosa do que o feijanico ou feijão frade, cujas exigências de meio são bastante semelhantes.

Pode cultivar-se nas relvas restivadas, ou nos restivos ou restolhos, de umidade suficiente e susceptíveis de rega. Sobre o feijanico e sobre a soja tem ainda a vantagem de poder semear-se até mais tarde.

Como leguminosa que é torna-se apreciável por dispensar a adubação azotada e ser planta melhoradora que dá bom ensejo para os cereais.

Os ensaios até agora feitos provam a sua perfeita adaptação às condições do País, e a manutenção das qualidades essenciais.

O ilustre engenheiro João de Albuquerque, sempre diligente e em busca de novidades, actual senhor da Casa da Insua (Beira Alta — Mangualde), forneceu as seguintes preciosas informações:

«As primeiras sementes foram oferecidas a meu tio Manuel de

Albuquerque pela Sr.<sup>a</sup> Condessa da Borralha que, sendo norte-americana de nascimento, as importou da América para a sua quinta da Borralha.

Mais tarde mandei vir directamente da América do Norte uma variedade rasteira,

A variedade primeiramente cultivada (de trepar) tem uma produção muito regular e abundante e mesmo em anos de grande seca ou ataque de qualquer moléstia, em que o outro feijão pouco ou nada tem dado, como aqui aconteceu em 1936, teve uma produção relativamente boa, mostrando uma grande resistência. Por êsse motivo não deixei em nenhum ano de a semear. Tem talvez o defeito de exigir estacas muito altas por ser grande o seu desenvolvimento. O grão é muitíssimo gostoso e todo o pessoal que o come em grande escala o aprecia muito.

Semei no último ano tôdas as variedades que encontrei no Pôrto. A sementeira foi feita em linha a 28 de Junho, o que é já bastante tarde para esta região, e em terreno que tinha dado trigo (*Manitoba*).

Quanto a regas, é muito menos exigente que o nosso feijão e pode dizer-se também que geralmente produz mais e mais regularmente mesmo em piores terrenos.

Em terreno de sequeiro tem dado muito bem a tal variedade rasteira que importei, semeada nesta região em meados e fins de Março.

No Minho (Vila do Conde, Quinta do Ral) semeada já tarde no ano transacto em Junho, em terreno não regado, agüentou-se melhor do que o milho *Pardinho*, rústico e bastante precoce, e amadureceu a tempo enquanto o feijanico se perdeu, em parte, semeado na mesma época.

No Douro (Cedovim — Fozcôa), já em zona de transição climática, em terreno de segunda, relativamente *bravo*, deu produção abundantíssima, a pesar de sementeira tardia, agüentou-se até ao fim do verão em bom estado vegetativo, produzindo sempre, enquanto o feijão vulgar se ressentiu, no mesmo terreno, mal o calor apertou. Foram ensaiados os

quatro tipos de variedades anãs: a produção excedeu os 3.000 litros por hectare.

No Alto Alentejo (Campo Maior), o progressivo agricultor João Muñoz, que ensaiou variedades anãs e de trepar, pôde exprimir-se destarte:

«As produções e a rusticidade são enormes, resistindo às doenças como nenhum outro feijão. Fêz aqui sucesso pela abundância da produção. E quando os outros feijões, os nacionais, se estragaram com doenças, a minha feijoa mantinha-se verde, cheia de saúde e produtiva, até às geadas. Trata-se de uma cultura interessantíssima, de grande vantagem económica para o agricultor. Sobre a soja tem para mim a vantagem de poder semear-se para cultura de verão depois de levantadas as sementeiras de inverno — favas, cevada, etc.».





# Direcções e números telefónicos dos Organismos Regionais da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas

Organismo	Direcção	N.º do telefone
Brigada Técnica da III Região... Delegação de Bragança... Delegação de Chaves.....	Rua da República — Mirandela .. Avenida João da Cruz, 80. Rua de Santo António.	Mirandela 21
Brigada Técnica da IV Região... Delegação de Ccimbra... Delegação de Leiria.....	Rua do Carmo — Aveiro..... Estrada da Beira, 223..... Lugar de Santo Amaro.....	Aveiro 198 Coimbra 1203 Leiria 29
Brigada Técnica da V Região... Brigada Técnica da VII Região...	Praça do Comércio, 25—Lamego Rua Dr. Bernardo Xavier Freire, 11 —Guarda.....	Lamego 33 Guarda 19
Brigada Técnica da VIII Região..	Avenida Combatentes da Grande Guerra — Castelo Branco.....	C. Branco 158
Brigada Técnica da IX Região... Brigada Técnica da X Região....	Rua Sangreman Henriques — Cal- das da Rainha..... Avenida António Santos — Santa- rém.....	C. Rainha 128 Santarém 51
Delegação de Abrantes..... Delegação de Vila Franca de Xira.....	Rua Avelar Machado—Rossio ao Sul do Tejo. Rua Dr. Manuel de Arriaga, 43 ..	Rossio ao Sul do Tejo. V. F. de Xira 47
Brigada Técnica da XII Região... Brigada Técnica da XIII Região.. Brigada Técnica da XIV Região..	Praça 28 de Maio — Évora..... Avenida Todi, 93-95 — Setúbal... Largo 1.º de Maio, 1-A, 1.º, Dt.º — Beja.....	Évora 146 Setúbal 477 Beja 78
Escola Agrícola Móvel «Alves Tei- xeira» .....	Vidago .....	Vidago 16
Estação Agrária do Pôrto..... Estação Agrária de Viseu..... Pósto Agrário de Braga..... Delegação de Fafe..... Delegação de Viana do Cas- telo .....	Quinta de S. Gens — Senhora da Hora .....	S. da Hora 22
Pósto Agrário de Elvas..... Pósto Agrário de Sotavento do Algarve..... Delegação de Lagos..... Pósto de Culturas Regadas de Alvalade.....	Viseu..... Lamações — Braga .....	Viseu 97 Braga 421 Fafe-Pósto 1
	Grémio da Lavoura .....	V. Castelo 17
	Estrada de Gil Vaz — Elvas..... Tavira .....	Elvas 47 Tavira 45
	Lagos. Alvalade (Sado).	



# Campanha da Produção Agrícola - Série B

Números publicados :

- 1 — Horticultura familiar.
- 2 — O revestimento dos alqueives.
- 3 — Noções elementares sôbre a cultura da ervilha.
- 4 — Noções elementares àcerca da cultura da cebola.
- 5 — O milho-rei.
- 6 — A cultura intercalar das vinhas.
- 7 — Noções elementares àcerca da cultura do feijão.
- 8 — Noções elementares àcerca da cultura da fava.
- 9 — Noções elementares àcerca da cultura da couve-rábano.
- 10 — Noções elementares àcerca da cultura do nabo.
- 11 — Noções elementares àcerca da cultura do melão.
- 12 — Noções elementares àcerca da cultura do alho.
- 13 — Noções elementares àcerca da cultura do tomate.
- 14 — A criação do coelho (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edições).
- 15 — Noções elementares àcerca da cultura do pepino.
- 16 — Noções elementares àcerca da cultura das couves.
- 17 — A Soja — Sua cultura e usos.
- 18 — Cultura da batata.
- 19 — O A B C da apicultura mobilista.
- 20 — Matos — O tojo.
- 21 — Matos — A giesta.

---

---

Sociedade ASTÓRIA Lda.  
ARTES GRÁFICAS  
Regueirão dos Anjos, 68 - Lisboa

---

---

